CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA - CAMPUS DE TUBARÃO

MANUELA CEMOLIN

CINEMA, IMAGINÁRIO SOCIAL E SERIAL KILLERS: UMA ANÁLISE DO FILME "A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL"

Este artigo foi julgado adequado à obtenção do grau de bacharel em Publicidade e Propaganda e aprovado em sua forma final com média 8,0 , pelo Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina.

17 de dezembro de 2020.

Prof. Me. Suellen Cristina Vieira (Orientadora)

Profª. Me. Roberto Luiz Svolenski (Convidado) _

* Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pelo(a) professor(a) Suellen Cristina Vieira. Mestra em Ciências da Linguagem; Especialista em Gestão de Negócios; Graduada em Design de Moda.

** Acadêmica: Manuela Cemolin. E-mail: Manuela.cemolin@hotmail.com

Profª. Dra. Heloisa Juncklaus Moraes (Convidada)

Mauro Roberto Fucilini

Coordenador dos cursos de Design de Moda, Jornalismo e Publicidade e Propaganda

Acadêmico(a): Manuela Cemolin

Título do artigo: CINEMA, IMAGINÁRIO SOCIAL E SERIAL KILLERS: UMA ANÁLISE DO FILME "A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL"

Nota 1 – Suellen Cristina Viiera - Orientador(a):

Nota 2 – Me. Roberto Luiz Svolenski Convidado(a) 1:

Nota 3 – Dra. Heloisa Juncklaus Convidado(a) 2:

Critérios de Avaliação	**ota 1**	**ota 2**	**ota 3**
Exposição escrita (zero a 10,0)	8,0	8,0	8,0
Nível de aprofundamento da investigação	8,0	8,0	8,0
Adequação da metodologia científica utilizada ao tema e às normas da ABNT	8,0	8,0	8,0
Qualidade das reflexões exibidas na Análise	8,0	8,0	8,0

Qualidade das reflexões exibidas na Conclusão	8,0	8,0	8,0
a) **Apresentação da Monografia** (zero a 5,0) b) **Participação** (zero a 4,0) c) **Pôster científico** (1,0)	8,0	8,0	8,0
Média Parcial	8,0	8,0	8,0

Média Final 8,0

Tubarão, 17/12/ 2020 (x) Aprovado(a) ( ) Reprovado(a)

Recomendações:

_____

_____

Publicação no RIUNI: (x) aberto para consulta

( ) fechado para consulta

CINEMA, IMAGINÁRIO SOCIAL E SERIAL KILLERS: UMA ANÁLISE DO FILME "A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL"

Manuela Cemolin[2]

Orientadora: Me. Suellen Cristina Vieira

Resumo: O presente artigo com base na teoria do imaginário busca como objetivo geral compreender como a imagem do *serial killer* é formada no imaginário social por meio de análise do filme "A Irresistível Face do Mal", criado pela plataforma de *streaming Netflix* que traz uma parte da história do popular *serial killer* Theodore Robert Bundy que assassinou dezenas de mulheres na década de 70. Desta forma, almeja-se analisar o conteúdo em relação ao imaginário presente no filme em questão, identificando como a imagem do assassino em série foi apresentada no imaginário dos telespectadores, buscando compreender a obsessão que a sociedade tem por esse tipo de crime. Além disso, tem-se como principal problemática a forma romantizada que Theodore Robert Bundy foi representada no filme a ser analisado. Deste modo, com base nos comentários utilizados nas redes sociais, tais como o *Twitter* e *Youtube,* será possível compreender ainda mais como a imagem do assassino em série é refletida no imaginário social por meio do cinema. Logo, através dos resultados obtidos compreende-se que o cinema tem papel fundamental ao retratar a violência acerca de crimes seriais, de certo modo que essas acabam se tornando uma forma de educação informal sobre legislações e sobre como a justiça age em prol do bem da sociedade.

Palavras-chave: Imaginário. Cinema. Ted Bundy.

Abstract

This article is based on the theory of imaginary seeks as a general objective to understand how the image of the serial killer is formed in the social imaginary by analyzing the film "The Irresistible Face of Evil", created by the Netflix streaming platform that brings a part of the story of the popular serial killer Theodore Robert Bundy which has murdered dozens of women in the 70s. Thus, the aim is to analyze the content in relation to the imagery present in the film in question, identifying how the image of the serial killer was presented in the viewers' imagination, seeking to understand the obsession that society has for this type of crime. Furthermore, the romanticized way in which Theodore Robert Bundy was represented in the film to be analyzed is the main problem. In this way, based on the comments used in social

networks, such as Twitter and Youtube, it will be possible to understand even more how the image of the serial killer is reflected in the social imagination through cinema. Therefore, through the results obtained, it is understood that cinema plays a fundamental role in portraying violence about serial crimes, in a way that these end up becoming a form of informal education about legislation and about how justice acts for the good of society

Keyword: Imaginary. Theater. Ted Bundy

Introdução

O presente trabalho busca compreender e analisar como a figura do *serial killer* Teodore Robert Bundy foi representada no filme "Ted Bundy: A irresistível face do mal", lançado em 25 de julho de 2019 pela plataforma de *streaming* Netflix. A obra em questão possui a direção de Joe Berlinger e é baseada no livro "*The Phantom Prince: My Life with Ted Bundy*" escrito por Elizabeth Kendall ex-namorada do *serial killer*.

Sob esta perspectiva, pretende-se analisar como a imagem do assassino em série foi apresentada no imaginário dos telespectadores, buscando compreender a obsessão que a sociedade tem por esse tipo de crime.

Além disso, entende-se que a indústria cinematográfica carrega características, políticas, econômicas e culturais, expõe valores presentes na sociedade, também disseminado costumes que influenciam esse mesmo contexto. Desta forma, a representação de um *serial killer* nessa indústria diz muito sobre como os indivíduos pensam em relação a imagem desses assassinos em série. Assim, muitas vezes no cinema "[...] os assassinos são descritos como psicopatas, sociopatas, pervertidos sexuais, ou em produções que se referem exatamente aos assassinos como Serial Killers" (MATOS, 2011 p. 60).

Ademais, diante do exposto, pretende-se entender como essa mudança de características de um termo usado no cinema pode afetar o entendimento de quem foi Ted Bundy. Com base em estudos busca-se como objetivo geral compreender como a imagem do *serial killer* é formada no imaginário social por meio de análise do filme "A Irresistível Face do Mal".

Para mais, tem-se como principal problemática a forma romantizada que Theodore Robert Bundy foi representada no filme a ser analisado. Deste modo, com base nos comentários utilizados nas redes sociais tais como o *Twitter*, por ser uma plataforma comum e muito usada por jovens assinantes da *Netflix*, e também em vídeos produzidos no *Youtube* na qual muitos youtubers fazem relatos sobre o filme "A Irresistível Face do Mal". Assim, com base nesses

comentários será possível compreender ainda mais como a imagem do assassino em série é refletida no imaginário social por meio do cinema. Nos comentários serão ocultados os nomes e fotos dos usuários para preservar suas identidades.

Nesse artigo serão apresentados cinco capítulos, que são eles: “Imaginário social”, na qual aborda-se a forma de como a imagem se desenvolve na sociedade e na mente dos indivíduos; o segundo capítulo refere-se ao “Cinema: Representação e Imaginário”, que busca compreender a influência do cinema na sociedade e na formação de imagens. Em continuidade, no capítulo “*Serial Killers*: a imagem dos assassinos em série” busca-se analisar quais as características que o cinema aborda em diferentes contextos desses personagens, como é criado essa imagem e quais símbolos estão presentes dentro desse imaginário. Logo, no terceiro momento, pretende-se explanar sobre “O Filme: A Irresistível Face do Mal” narrando, brevemente, um resumo de sua história e desfecho. Em seguida, tem-se a “Análise”, parte principal do artigo, que tratará de decodificar, analisar e compreender os comentários expostos no *Twitter* e nos vídeos do *Youtube*, relacionando a imagem do personagem com o imaginário identificado, compreendendo assim como a imagem do *Serial Killer* foi representado na obra. Por fim, nas considerações finais almeja-se explicar a representação do personagem Ted Bundy e responder por que existe uma obsessão da sociedade por esse tipo de tema.

Portanto, para formular o corpus da pesquisa e delimitar a aplicabilidade do estudo, utilizamos a pesquisa qualitativa com base na metodologia de caráter indutivo, pois parte de compreender a glamourização do *Serial killer* em meio à sociedade. Tendo um caráter descritivo explicativo, o estudo vai descrever os principais motivos que levam a obsessão da mídia com o tema e como o filme “A terrível face do mal” representa a imagem desses criminosos. Deste modo, serão analisando três postagens de usuários referentes a Ted Bundy no Twitter, e serão analisados os comentários no vídeo da influenciadora digital Bel Rodrigues no seu canal do YouTube, onde expõe suas críticas sobre a narrativa do filme. Por possuir caráter de um estudo bibliográfico, serão utilizadas pesquisas em artigos e livros referentes ao conteúdo abordado nesse projeto.

1 Imaginário Social

O imaginário pode ser considerado um espaço entre saberes, um museu de imagens que são produzidas pelo homem em diferentes ocasiões e diversos tempos. Assim pode-se entender que as imagens reproduzidas na mente do ser humano são construídas pelo inconsciente, sendo formada pelo domínio arquétipo do comportamento universal, e pelo domínio ideográfico, por meio de modulações e contextos culturais específicos no interior das unidades grupais. (VIEIRA, 2020 p.19)

Sob esta perspectiva, o imaginário se constitui e se expressa como um grupo de imagens que permeiam o pensamento de um indivíduo ou sociedade, que abrange aspectos sociais como produção poética, artística, filosófica, ideológica, entre outras. Com determinado efeito, o imaginário se define mais pelo seu dinamismo, figurativo, do que por sua base estrutural. Assim, se mostra necessário ter uma compreensão de que o imaginário não serve para classificar imagens, visto que "essa classificação só faz sentido se compreendermos que é a gesticulação cultural, o processo dinâmico de criação, transmissão, apropriação e interpretação dos bens simbólicos, que empresta sentido aos símbolos" (FERREIRA-SANTOS, p. 38, 2012).

Morin (2000) também explica que, o imaginário pode ser considerado uma estrutura antagonista e que complementa aquilo que chamamos de real, e sem dúvida, não haveria o real para o homem, ou antes, não existiria realidade humana sem imaginário. Ou seja, o imaginário, para o autor, pode ser considerado uma escola de simbolização na qual resulta todos os medos, anseios e percepções culturais do homem. Isso posto, percebe-se que "deve ser sempre compreendido como algo mais amplo do que apenas um conjunto de imagens, pois vai além de variadas formas de vidas e ultrapassa a cultura, apesar de conter elementos culturais do organismo social ao qual está vinculado. Assim, entende-se que, entre as pulsões biológicas e culturais, surge a sensibilidade estética e o imaginário" (VIEIRA, 2020 p.20).

Além disso, pode-se entender que o imaginário é vivo e mutável, podendo sofrer mutações e desgaste ao longo do tempo. Gilbert Durand (2002), um dos autores fundadores da teoria do imaginário, explica, por meio da metáfora da Bacia Semântica, como o desgaste de possíveis tendências e como pequenas coisas vão gerar ou constituir interesses mais importantes e significativos, em um longo e continuo fluxo, que são determinadas em seis fases: a primeira é o "Escoamento" pequenas correntes que formam novos imaginários e novas mudanças em estruturas sociais; em segundo tem-se a "Divisão das águas" que é considerada o momento de

junção de alguns escoamentos, que acabam se opondo aos estados imaginários precedente; em seguida a terceira fase é denominada “Nome do rio” que se dá quando o personagem real ou fictício caracteriza a bacia semântica como um todo; a quarta fase é reconhecida como “A organização dos rios” que consiste em teorizar a filosofia dos fluxos imaginários; em quinto “A margem do imaginário” que diz respeito a filosofia do imaginário e a metodologia, estudada pela filosofia de Durand; a sexta e última fase é conhecida como “Deltas e meandros” ocorre quando o desgaste e a saturação do imaginário se deixa penetrar pelos escoamentos (Ritzmann, 2012 p.142).

Ademais, para Maffesoli (2012) é por meio da imagem que diferentes grupos e culturas se conectam de várias formas, assim capacitando suas experiencias e desenvolvem suas práticas e ideias. Deste modo, busca-se a imagem como um sistema artificial simplificado. “Assim, o imaginário, diferente de outros conhecimentos, constitui a imagem por meio do modo como a consciência representa os objetos que não se apresentam diretamente à sensibilidade, mas como sombra do objeto, como nevoeiros nebulosos” (VIEIRA, 2020, p.31).

De acordo com Bachelard (2013, p.62) “a imagem tem uma função ativa. Por certo tem um sentido na vida inconsciente, por certo designa instintos profundos. Mas, além disso, vive de uma necessidade positiva de imaginar”. Assim, seguindo a lógica do autor a imagem exposta através do imaginário abre portas a compreensão da noção de signo por meio da imaginação simbólica. Assim, o signo se entende como uma imagem que reúne sentido.

Desta forma, Vieira (2020) cita Coelho (1997) e Durand (1993) para explicar que o signo para a teoria do imaginário se difere da noção de signo desenvolvida por Charles Peirce na semiótica:

> Uma vinculação natural com algo ausente ou impossível de ser percebido, uma “ponte entre o ausente (ou invisível) e o figurado (ou sensível); elo entre a realidade psíquica e a realidade física” (COELHO, 1997, p.341). Diante disso, “chegamos na imaginação simbólica propriamente dita quando o significado não é de modo algum apresentável e o signo só pode referir-se a um sentido e não a uma coisa sensível” (DURAND, 1993, p. 10). Quer-se dizer que o signo para o imaginário não é arbitrário, situação completamente oposta à da Teoria dos Signos de Charles Peirce. Por este prisma, compreende-se que o signo possibilita a mediação simbólica, proporcionando uma pré-compreensão do real moldado pelo comportamento social (*apud* VIEIRA, 2020 p.32)

A função do imaginário é eufemizar e equilibrar os indivíduos dentro de uma sociedade iconoclasta. Isso significa dizer que é pela imaginação que funciona o processo de

simbolização. Pra Durand (2002), o imaginário enraizado num sujeito complexo, não desenvolve em torno de imagens livres, mas cria uma lógica, uma estrutura, que faz do imaginário uma constelação.

Outro ponto presente no imaginário é a forma arquetípica, que pode ser considerada como uma forma vazia que oferece uma sensibilidade ao inconsciente preenchida por princípios relacionados e semelhantes. Dito isso, Coelho (1997) afirma que uma estrutura organiza as imagens, que sempre ultrapassa as concretudes individuas, biográficas, regionais e sociais, e que assim interferem na formação das demais.

Nesta lógica, Vieira (2020) explica que:

> [...] entende-se que o arquétipo possui a função de produzir ideias correlativas ou praticamente idênticas nos diversos indivíduos ou grupos, sem que se possa atribuir sua ocorrência a alguma experiência individual concreta. Desta forma, a imagem arquetípica deve ser compreendida numa perspectiva de convergências, visto que sua manifestação está além do próprio objeto, que paira sobre uma ampla constelação de imagens, relativamente constante e que parece estruturar um certo isomorfismo dos símbolos convergentes. (VIEIRA, 2020 p.33)

Por sim, compreende-se que o imaginário consiste em "identificar imagens invariantes que prevalecem em um grupo de forma universal, e as unidades de imagens locais, que derivam de um mundo físico antropologicamente pré-estabelecido" (VIEIRA, 2020 p.34). Logo, a teoria do imaginário consiste em analisar como os sujeitos e povos associam suas fantasias, mitos, simbolismos, imagens e desejos, aos arquétipos coletivos, através dos quais justificam e agregam sentidos a sua existência e representação, assim consolidando e incorporando os diversos campos da sociedade, sejam eles culturais, científicos e sociais.

2 Cinema: Representação e Imaginário

O cinema como um todo inaugurou uma predominância nas imagens no começo do século XX. Porém, em 1895 ele ainda era entendido como uma mistura de outras formas culturais como teatro, cartuns, revistas ilustradas e os famosos cartões postais. Neste contexto, Mascarello (2015, p.15) afirma que os aparelhos que projetavam os filmes da época apareceram como uma curiosidade dentre todas as invenções do final séculos XX.

Dentro de diversas discussões conceituais a sétima arte possui muitas teorias sobre sua definição, de acordo com Fantin (2013) o cinema pode ser definido como arte, técnica, espaço físico e linguagem.

> Se começarmos com a discussão conceitual sobre o que é cinema, segundo o dicionário Aurélio: Cinema. 1. Arte de compor e realizar filmes cinematográficos. 2. Cinematografia. 3. Projeção cinematográfica. 4. Sala de espetáculos onde se projetam filmes cinematográficos. Nessa definição básica que referenda "lugares comuns" sobre o cinema, podemos observar quatro sentidos do termo: arte, técnica, espaço físico e linguagem (FANTIN, 2013 p. 535).

Dito isso, no dicionário político cultural o cinema se torna um domínio mais amplo que envolve a cultura do cinema e não necessariamente de filmes, já que um filme é uma película montada sonorizada, com um sentido relativamente fixo e definido (COELHO, 1999 p.110). Ou seja, para Coelho (1999) a cultura do cinema é um universo em expansão que envolve desde aspectos do cotidiano até as ricas teorias e se infiltra por toda parte, desde a memória mais íntima à roupa que se usa. Enquanto a cultura fílmica se restringe a uns poucos campos, como o da academia, da universidade, dos livros e um ou outro mais.

Embora a análise estética tenha sido o foco nos estudos sobre o cinema, alguns estudos da sociologia rompem essa tradição ao estudar o cinema como entretenimento, narrativa e evento cultural. De acordo com Turner (1988) o cinema é uma prática social inserida no funcionamento da própria cultura, chama atenção às suas dimensões de produção, consumo, prazer e significação. Para ele o fato de o cinema popular ser voltado ao prazer do público faz com que o prazer por ele proporcionado seja diferente daquele envolvido na literatura ou nas belas-artes.

Neste sentido, entende-se que o cinema faz parte de um grupo conhecido como segunda realidade que "é constituída por textos culturais codificados a partir do imaginário, do sonho, do lúdico, da arte, como é o caso do cinema que possui sua própria linguagem e significação, intermediada pelo espectador do dos filmes" (ARAUJO, 2011, p.76).

Considerando que a experiência do espectador não se limita apenas nas sensações luminosas e sonoras do filme, o cinema também envolve a memória, que atua relembrando coisas que dão e constroem sentidos, e situam melhor as cenas, as palavras e os movimentos na mente do espectador, assim explica Munstenberg (2003). Essa função impulsionadora de relações está tanto ligada à memória quanto à imaginação.

No cinema, a imaginação se projeta na tela, mas o curso natural dos acontecimentos pode ser modificado pela simples ação dos pensamentos. A relação com o tempo no cinema é transgredida, permitindo voltar ao passado ou fazer uma ponte com o futuro em alguns minutos. (FANTIN, 2013, p.549)

Assim, Mustenberg (2003) explica:

> [...] o cinema pode agir de forma análoga à imaginação: ele possui mobilidades de idéias que não estão subordinadas às exigências concretas dos acontecimentos externos, mas às leis psicológicas da associação de ideias. Dentro da mente, o passado e o futuro se entrelaçam com o presente. (MUNSTENBERG, 2003, p. 38).

Assistindo aos filmes, temos umas possibilidades de ir além, pois testemunhamos a imaginação que os personagens revelam, pois o cinema oferece aos nossos olhos, panoramas deslumbrantes e nos mostram milhares de fantasias possíveis no encontro entre memória e imaginário (FANTIN, 2013).

O cinema como indústria apresenta muitas características da sociedade como política, cultura e economia, expondo valores que se fazem presentes no coletivo, bem como dissemina costumes que pode influenciar a massa social. Pode-se usar como exemplo os filmes sobre crimes e serial killers, destacando como essas produções expõe aspectos socioculturais, que apresentam aspectos da sociedade capitalista, urbana, com seus valores culturais e sociais (MATOS, 2011, p. 753).

Sob esta perspectiva, por meio do cinema o imaginário pode ser recortado e fragmentado, representado a sociedade, pequenos grupos e indivíduos, como afirma Baczko (1985):

> O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com elas, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. (BACZKO, 1985, p. 309-310).

A facilidade na qual o cinema atinge o imaginário social demonstra sua efetiva potencialidade no contexto de aprendizagem. Não se pode afirmar que o cinema apresenta a realidade ou pode substituir a história, mas que, para o senso comum a linguagem cinematográfica produz um sentido narrativo de apresentações que mistura ficção e realidade, sem muito distanciamento (PIRES, 2014, p. 610).

Pires (2014) explica que:

> O modus operandi da linguagem cinematográfica tem uma identificação com as formas simbólicas de representação, que facilitam a profusão discursiva que se almeja veicular. Assim, a linguagem cinematográfica atua como um instrumento de representação social imaginária que aproxima o distante, a ponto de juntar valores diferentes dentro de um mesmo discurso. A forma como o conjunto de representações sociais presente nos roteiros é objetivada na figuração da linguagem cinematográfica transforma o cotidiano em palco de ficção. (PIRES, 2014 p. 611)

Assim, a relação de proximidade entre o cinema e a realidade ajuda o trânsito de representações e por extensão, uma maior identificação com o seu dispositivo cultural. Vários filmes tem essa facilidade de produzir aproximação entre a realidade e ficção pelo aporte de reprodução de imagens cotidianas do social.

Portanto, sob efeito do imaginário que a sociedade representa seus conflitos, sendo que o cinema torna-se a principal referência sobre os assassinos em série, e acerca da sua grande popularização e grande produção de filmes sobre o tema é que pretende-se apresentar nesta pesquisa, correlacionando o cinema e o imaginário e destacando aspectos presente entre eles.

2.1 Serial Killers: a imagem dos assassinos em série.

O termo *serial killer* foi usado pela primeira vez nos anos 70 pelo ex agente do FBI Robert Ressler, na qual trabalhava na Unidade de Ciência do Comportamento. Robert era um grande estudioso do assunto. A unidade na qual ele pertencia era conhecida como o setor dos “caçadores de mente”, pois os detalhes dos crimes em série eram enviados diretamente para esses profissionais que procuravam pistas psicológicas que pudessem ajudar nesses casos. Desta forma, diante das fotos das cenas dos crimes, desenvolviam uma descrição de suspeitos e suas características. Segundo, Casoy (2002, p.18), tem-se “como definição que assassinos em série são indivíduos que cometem uma serie de homicídios durante algum período, com pelos menos alguns dias de intervalo entre eles”.

Para usar da definição de *serial killer* o motivo do crime ou a falta desse motivo é muito importante para se afirmar como termo correto. De acordo com Silva (2004) os crimes praticados por um Serial Killer,

são repetitivos, cometidos com profunda frieza, nunca demonstram remorso pelos crimes cometidos. Na maioria dos casos o criminoso não conhece suas vítimas, pois elas representam para o assassino apenas um símbolo.

Casoy (2002) apresenta esses assassinos em série divididos em 4 tipos: Visionário, Missionário, Emotivo e Libertino. Nesta lógica, o primeiro refere-se ao indivíduo que ouve vozes na cabeça e as obedece, psicótico. Eles também podem sofrer de alucinações ou ter visões assim tendo desculpas para seus crimes. Em contrapartida, o segundo tipo de *serial killer* é denominado por ele de Missionário, é aquele que internamente têm a necessidade de "livrar" o mundo de pessoas que ele julga imoral ou indigno. Este tipo escolhe um grupo certo para seus crimes como prostitutas, homossexuais etc. Em conseguinte, surgem os Emotivos, que matam por diversão. Dos quatros tipos analisados esse é o que mais tem prazer em matar e utiliza requintes sádicos e cruéis. E por fim, de acordo com o autor, destaca-se o perfil Libertino, que são aqueles assassinos que matam buscando o prazer sexual, assim chamados de assassinos sexuais. O seu prazer está totalmente ligado ao sofrimento da vítima, a tortura empregada nela.

O *serial killer* também pode ser definido como desorganizado ou organizado, geograficamente estável ou não. O denominador comum desses assassinos são o sadismo, desordem crônica e progressiva (Casoy, 2002, p.19). Ou seja, esses indivíduos por mais que possam ser definidos em diferentes grupos ainda assim são extremamente iguais de acordo com seu intuito de matar.

Em relação as suas características, muitos aspectos psicológicos entre esses assassinos são em comum, tanto na tocante ação quanto no seu passado. Nesta perspectiva, Casoy (2002) lista uma série de características que esses indivíduos possam adquirir na infância, sendo que nenhum aspecto isolado pode afirmar uma criança como assassino em potencial, mas

* Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pelo(a) professor(a) Suellen Cristina Vieira. Mestra em Ciências da Linguagem; Especialista em Gestão de Negócios; Graduada em Design de Moda.

** Acadêmica: Manuela Cemolin. E-mail: Manuela.cemolin@hotmail.com

a conhecida como terrível tríade aparece presente no históricos de todos os assassinos em série, que são elas: enurese (incontinência urinária sem conhecimento, micção involuntária, inconsciente), abuso sádico de animais ou de outras crianças, destruição de propriedade e piromania (mania de atear fogo). Mesmo não integrando a "terrível tríade", o isolamento familiar ou social é relatado pela grande maioria deles, além de a masturbação compulsiva ser consequência altamente previsível**.**

Sobre as fantasias que o assassino em série recria, de acordo com Casoy (2002), pode-se afirmar que:

> As pessoas normais usam de suas fantasias temporárias para entretenimento próprio, sendo completamente compreensível pôr parte do indivíduo a irrealidade da mesma. No entanto, para *serial killers*, tais fantasias são assustadoramente mais complexas, integrando o comportamento dos assassinos em série, em vez de ser uma distração mental. O crime é a própria fantasia do criminoso, planejada e executada pôr ele na vida real, sendo a vítima o alimento maior que reforça a fantasia. (CASOY, 2002 p. 22)

Para esses indivíduos as fantasias vão mais além do que um simples desejo elas provem sua necessidade de controle da situação. Em crimes desses tipos o assassinato dá a sensação de controle do assassino sobre a sua vítima. Ele irá mostrar um comportamento de que está no controle daquela situação.

Ademais, o *serial killer* cria uma personalidade de contato para misturar-se com outras pessoas na sociedade, assim escondendo seu comportamento violento. Muitos desses criminosos podem ter esposa, filhos e trabalhos normais que qualquer uma pessoa pode possuir. Em alguns casos essa dissociação que fazem dos seus crimes são atos profundas que mesmo após de presos afirmam com convicção sua inocência. "Essa criação de um personagem perfeito aceito na sociedade é tão bem feita que em alguns casos a sociedade acredita naquele criminoso que por muitas vezes pode ser tão educado, calma e comportada pode ter cometido crimes tão violentos" (CASOY, 2002, p. 23)

No cinema a representação do *serial killer* é extensa e decorre desde o seu começo sendo utilizados em muitos gêneros cinematográficos como terror, horror, suspense, drama, o *film noir*, o thriller, comédia, alguns subgêneros exemplo dos *slashers movies* e dos *giall*i. Cada autor descreve o *serial killer* de uma forma diferente nos seus filmes, podendo ser descritos como sociopatas, psicopatas, pervertidos sexuais. Em algumas obras o assassino em serial

também pode ser retratado como vilão da história procurando mostrar as motivações dos crimes. Nota-se também que em muitos filmes tratam como tema, enredo, personagens e ações, algo que pode ser considerado característica de um serial killer, porém também deve se lembrar das características de linguagem estética da narrativa cinematográficas que as mesmas impõe frente aos assassinos em série e ao todo conjunto de valores sociais e culturais que esses filmes possuem (MATOS, 2015, p.85).

Em filmes sobre *serial killer* fica perceptível a incorporação nos roteiros de pesquisas forense acerca dos assassinos, assim trazendo uma melhor compreensão sobre o criminoso que é representado no filme. Deste modo, em meados das décadas de 1980 e 1990 o termo assassino em série se populariza cada vez mais em produções cinematográficas, muitas delas inspiradas em casos reais, influenciados por pesquisas e a colaboração do FBI (MATOS, 2015 p.86)

Muitas dessas abordagens nas obras cinematográficas utilizam de métodos médico-legais para compreender os assassinos em série, assim como as condições socioculturais em que estão inseridos e as motivações que os levam a cometer seus crimes, afirma Matos (2015).

> Algumas produções discutem até mesmo as causas que levam uma pessoa a ser um Serial Killer, destacando – entre outras – questões biológicas ou mesmo psicológicas. Os crimes cometidos por Serial Killers por vezes são enfatizados a partir dos procedimentos judiciais, destacando que muitos desses crimes, julgados pela legislação como hediondos, acabam considerando o indivíduo como louco, com problemas psicológicos (MATOS, 2015 p.88).

Todo esse movimento dentro do cinema envolve o imaginário social e científico, que por vezes torna se sinais de como a sociedade enxerga essas questões. O imaginário entregado pela cinematografia sobre a figura do *serial killer* é constantemente representado, de tal modo que assim essas acabam se tornando uma forma de educação informal sobre a legislação e como a justiça age em casos como esse.

Obviamente o cinema não e o reflexo da sociedade, mas por vezes representa diversas questões que estão presentes no contexto social, assim sendo possível analisar diversas representações, de que símbolos o imaginário é composto e como é modificado historicamente (MATOS, 2015 p. 90).

Como exemplo, é possível analisar os símbolos em casos como os filmes "*Slasher Movies*" que tratam os assassinos em um enredo sobre jovens e mortes com motivações sem

muito sentido, e que ainda assim surtem efeito ao público por retratar o serial killer como lunático, maníaco ou uma aberração vista pela sociedade. Assim, convertendo em símbolo a tal imagem do assassino em série age na cultura popular, como é o caso das máscaras, armas, e roupas utilizadas por assassinos como Jason Voorhees e Michael Myers (MATOS, 2015 p.91).

Figura 1 - Jason Voorhees

Fonte: site grupo independente (2020)

Figura 2 – Michael Myers

Fonte: Jornal Opção (2020)

Diante do exposto, busca-se no presente artigo questionar as maneiras pela qual o cinema construiu o estereótipo do *serial killer* através da sua representação e imaginário, e que muitas vezes é tomada como verdadeira. Logo, nota-se a influência do cinema na sociedade.

3 O Filme: A Irresistível Face do Mal

Ted Bundy: A irresistível face do mal lançado em 25 de julho de 2019 é baseada no livro “The Phantom Prince: My Life with Ted Bundy” escrito por Elizabeth Kloepfer ex namorada do *serial killer*. Na direção de Joe Berling para a Netflix o filme conta com a participação de Zac Efron interpretando Ted Bundy e Lily Collins como sua namorada Liz Kendall. (CosmoNerd, 2019)

Figura 3 – Zac Efron e Ted Bundy

Fonte: GZH Cinema

O filme tem começo em 1969 com o primeiro encontro do casal em um bar de Seattle, após esse primeiro contato Liz que era mãe solteira começou a se sentir confortável com Ted que tratava sua filha com muito afeto. Ele que era estudante de Direito na faculdade do estado americano de Utah tinha que rodar quilômetros para conseguir se encontrar com a sua família. Dentre todas essas viagens Ted cometia seus assassinatos sem ser reconhecido, após tantos crimes o rosto do assassino foi divulgado por algumas vítimas que o serial killer

não conseguiu conquistar. O esboço do criminoso é divulgado e após muitos telefonemas Theodore Robert Bundy é preso pela primeira vez em 1975.

Após ser libertado sob fiança ele volta para sua casa com Liz que se mostra chateada após ler um artigo sobre seu parceiro no jornal, Ted se defende criando uma história para tranquilizá-la. Porem ele é considerado culpado por sequestro e assassinato condenado a cumprir 15 anos de prisão estadual de Utah. Ainda assim Liz se recusa acreditar que ele realmente possa ser o criminoso, mas todos os acontecimentos começam a afetá-la.

Ted também é acusado de outro assassinato no estado de Colorado, assim sendo transferido para Aspen em 1977. Ainda nesse período ele resolve servir como seu próprio Advogado dando início a seu maior personagem. Após muitas fugas Liz resolve terminar mesmo recebendo muitas ligações. Após as dezenas notícias sobre o serial killer, milhares de mulheres começam a se tornar seguidores dele, até afirmando o amarem, dentre elas Carole Ann Boone na qual mais tarde se casam depois de Ted a pedi-la em casamento no tribunal.

Figura 4 – Ted Bundy Pede Carole em casamento

Fonte: Revista Veja

Muitas provas físicas discriminatórias são levadas ao tribunal, incluindo o molde de gesso dos dentes de Ted com as impressões de feridas nas nadegas de uma de suas vítimas.

Algumas horas depois Theodore Robert Bundy foi condenado a sentença de morte. No final do filme Ted assume seus crimes para Liz a única mulher que amou. (Omelete, 2019)

Figura 5 – Ted assume a culpa para Liz

Fonte: Distração Planejada

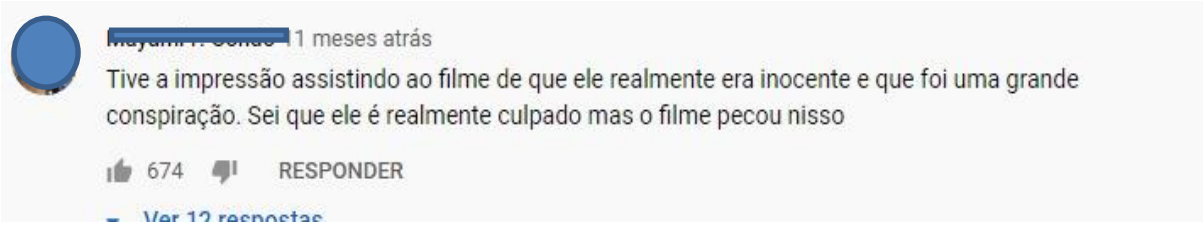
O personagem principal de toda trama Theodore Robert Bundy mais conhecido como “Ted Bundy” nascido Burlington, Vermont, Estados Unidos é um dos mais famosos assassinos em série americanos, que matou, sequestrou e estuprou muitas mulheres durante a década 70. Até antes de sua execução Bundy negava qualquer tipo de envolvimento em todos as acusações, ainda assim ele confessou trinta assassinatos em sete estados entre os anos de

1974 e 1978, porem o real número de vítimas pode ser ainda maior do que o conhecido. Ted era conhecido por ser um homem gentil, bonito e carismático, no qual ele usava pra conquistar confiança de suas vítimas e da sociedade. Ted Bundy tinha características diferentes de todo serial killer já comentado pela sociedade e pelo cinema, trazendo seu charme e inteligência como foco de todo tipo de acusação. Para milhares de pessoas não era possível que um homem inteligente, bonito, charmoso e carismático como Bundy pudesse ser tão cruel e sádico com suas vítimas

4 Análise

Dentro da presente análise buscou-se utilizar os comentários postados no *Twitter* e em vídeos do *Youtube* da influencer Bel Rodrigues, como fonte de estudo para entender o imaginário dos telespectadores que assistiram ao filme "A irresistível Face do mal". O principal motivo pela qual levaram a escolha de Bel Rodrigues foi pelo seu grande conhecimento diante de assuntos como esse que está sendo trabalhado neste artigo. A produção em análise foi baseada em uma parte da história de um dos mais famosos *serial killers* do mundo, Theodore Robert Bundy, mais conhecido como Ted Bundy, que matou dezenas de mulheres e criou sua fama por ser um homem charmoso, carismático, estudante de direito, um indivíduo bem visto pela vizinhança e pela sociedade. Ou seja, tais características fizeram com que milhares de pessoas acreditassem na sua inocência alegando seu carisma e sua segurança ao falar, já que o mesmo serviu como seu próprio advogado e defensor no tribunal. Diante disso, o filme em questão trouxe algumas dúvidas e desacordos com a realidade. Assim, com base nos comentários coletados, busca-se analisar o quanto a força social da representação do cinema influencia no imaginário de um grupo ou sociedade.

Figura 1: Print do comentário no *Youtube*



Fonte: *Youtube* (2020).

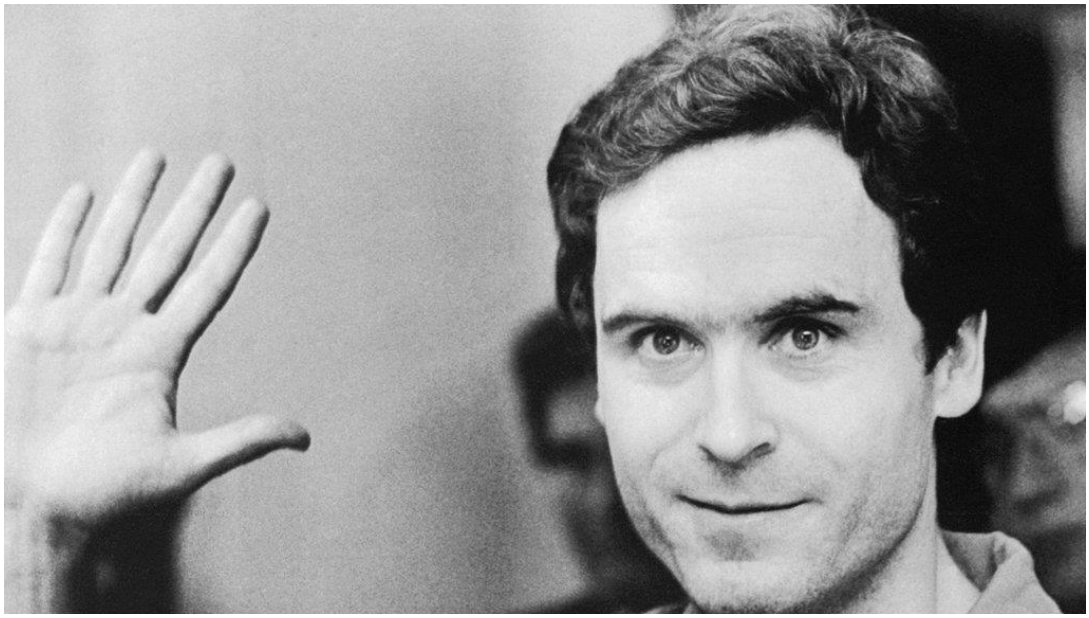
Na figura 1 tem-se o comentário de uma assinante do *Youtube*, de acordo com ela o filme trouxe a imagem de Bundy como inocente, a qual a fez crer que ele realmente estava sendo injustiçado. Dito isso, observa-se que ao analisarmos o filme percebemos que ele transmite um imaginário distorcido da imagem do um *serial killer*. Esse tipo de imaginário deturpado foi por muito tempo caracterizado pelo cinema ao retratar a imagem do assassino em série de forma romantizada, diferente da realidade, e moldando-nos a entrar em conflito sobre a veracidade de seus atos.

De acordo com Matos (2011), a indústria cinematográfica, especialmente nos EUA, tem papel relevante na popularização do imaginário romantizado acerca dos *seriais killers:*

> Dessa forma, pode-se dizer que a indústria cinematográfica é o nosso referencial acerca dos serial killers, pela grande popularização e enorme produção desses filmes, destacando o imaginário a respeito do tema em vários países, especialmente nos EUA, onde encontra-se a vida e história de Ted Bundy, na qual teve uma grande repercussão em todos os países (MATOS, 2011 p. 774).

A percepção de Bundy em relação aos casos que ele era acusado e as situações que eram apresentadas para ele no tribunal, eram perfeitas para que o mesmo contasse os ocorridos do seu modo, assim o favorecendo ainda mais diante dos que o assistiam. Dessa forma, ele manipulava não só as pessoas que estavam cientes do caso, mas também toda a indústria midiática. Ou seja, Ted desenvolvia uma troca de favores para a mídia, ele dava conteúdo para a televisão e jornais reforçando sua inocência, criando uma fama, a qual ele almejava, e a mídia dava chance dele se explicar e criar a imagem de bom cidadão aos telespectadores. Teodor parecia compreender a importância de criar esse personagem com personalidade forte para as câmeras, não foi só a brutalidade em seus crimes que o deu tanta visibilidade, mas também sua ampla capacidade de atuação perante seu julgamento, sempre falando com ironia, com total clareza nas suas defesas, e cometendo atos inusitados, como pedir sua namorada em casamento no tribunal, rasgar um documento do advogado na frente dos jornalistas e dar entrevistas rindo da situação que o colocavam.

Figura 2 – Ted Bundy no tribunal

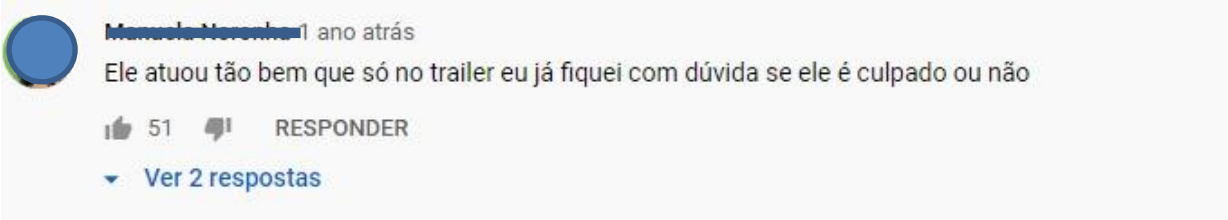


Fonte: R7 Notícias

Assim, com essa ampla divulgação da sua imagem pela mídia, Ted conseguiu consolidar sua visibilidade enquanto individuo, auxiliando seu processo de reconhecimento pela sociedade, mesmo que seu caso tenha ocorrido de maneira que explorasse a narrativa de uma vida, que não possuía nenhum tipo de ética dentro das leis judiciais e também da moral da sociedade que estava inserido, visto que seus crimes eram extremamente cruéis com teor sexual e violento. Nesta lógica, questiona-se o porquê sua imagem foi tão glamourizada durante o filme em análise.

Sob esta perspectiva, percebe-se que o filme romantiza a imagem de Bundy, fazendo com que as pessoas que não conhecem o assassino acreditassem na defesa dele, e até quem reconhece sua história entra em dúvida ao imaginar que ele era inocente e que tudo não passou de uma grande conspiração e manipulação do sistema judicial americano. Mas faz-se necessário lembrar que o livro foi escrito por sua ex namorada, foi baseado na visão dela de acordo com sua vivência.

Figura 3: Print do comentário no *Youtube*



Fonte: *Youtube* (2020).

Em continuidade, em um outro comentário publicado no *Youtube* acontece o mesmo processo do anterior, porém a usuária destaca a atuação de Zac Efron, o ator que interpretou Ted Bundy no filme, afirmando que sua atuação foi tão boa que só pelo *trailer* exposto surge a dúvida se ele era ou não inocente. Desta forma, de acordo com Matos (2011) a grande maioria dos filmes que abordam a temática de crimes cometidos por assassinos em série não representam a imagem do *serial killer* como um criminoso ou como uma indivíduo que sofre de transtornos psicológicos. Sendo assim, as imagens criadas desses assassinos pelo cinema abrem margem para que os telespectadores criem imaginários contraditórios e distorcido sobre quem são esses verdadeiros sujeitos.

Voltando as questões da Figura 1 que se relaciona com o comentário acima (figura 3) é possível observar novamente uma espécie de hiperbolização crescente nas características que já se faziam presentes na personalidade de Bundy, como sociopatia e narcisismo. Ao decorrer da sua exposição em entrevistas, no julgamento e na cobertura das suas fugas, Bundy recebia mais atenção projetada sobre sua figura, e assim, esses traços da sua personalidade e seu personagem criado para manipular eram fortalecidos e transpareciam ainda mais. Dessa forma, foi desenvolvida uma teoria chave para a persona de Ted: a busca pela fama e reconhecimento através de seus crimes cometidos.

Em continuidade, observa-se no filme que uma das fortes características de Bundy era o narcisismo que acrescia muito mais seu gosto por fama, afinal seu rosto estampava todos os jornais, revistas e televisões, já que seu julgamento foi o primeiro a ser transmitido nacionalmente, sustentando assim sua autoidolatria. Neste contexto, Ted exercia seu papel na mídia com prazer, já que por meio dela, como dito anteriormente, ele moldava sua figura de homem passível e de sempre se manter celebre. Ou seja, ele poderia manipular facilmente o público e a mídia através dessa construção de um arquétipo que fosse tão flexível ao ponto de atender várias de suas necessidades, tanto como uma forma de entretenimento internacional, tanto como caso jurídico, já que seu caso foi tão comentado na área do direito.

Por isso, essa criação da persona e a manutenção de estereótipos em torno da sua figura que foram nutridos pela mídia, aliados a falta de tecnologia da época, ano de 1970, foram mais que fundamentais para que Bundy conseguisse se desprender de acusações e se manter firme durante muitos anos até seu veredito final. Além disso, Ted conseguiu interpelar sobre o

resultado de seus delitos afirmando ter um transtorno mental caracterizado por humor, comportamentos e relacionamentos instáveis caracterizado como *Síndrome de Borderline*. Assim, sustentou por tanto tempo a aparência de inocente e ao mesmo tempo se preparava e articulava suficientemente para o momento que, por fim, fosse capturado e pudesse compartilhar sobre os assassinatos de modo previamente orquestrado, a fim de transformar seu julgamento em um verdadeiro espetáculo.

Como já citado anteriormente, as descrições que a mídia formulava de Bundy eram sustentadas pelos seu comportamento diante as câmeras, o apresentavam como um homem de boa aparência, jeito extrovertido e com técnicas de sociabilidade suficientes para que o serial killer recebesse o benefício da dúvida de uma grande parte do público que o assistia. Logo, não só de *groupies* e telespectadores distantes das acusações se perguntavam se Ted Bundy realmente poderia cometer tais crimes tão bárbaros, mas havia também pessoas que estavam ao redor dele, como policiais, jornalistas, advogados e, inclusive o júri.

Segundo Matos (2011), um filme representa anseios sociais, expõe questões do imaginário, seja ele de temática histórica, um documentário, ou propriamente nos filmes de ficção, ao ponto que todos são ficcionais. Assim, independentemente de sua fundamentação, "um filme expõe na tela a visão de seus realizadores, já que um filme é resultado de um trabalho coletivo, e mesmo que destinado a certo público-alvo, seus espectadores são anônimos" (MATOES, 2011, p. 86). Ou seja, á por meio de um filme que representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, um mundo imaginário livremente criado pelos autores e por aqueles que assistem, já que um filme não é entendido da mesma forma por todos, mas constrói sentidos diversos, de acordo com a bagagem cultural de cada espectador.

Dito isso, afirma-se novamente que com essa imagem positiva que Bundy criou com ajuda da mídia, e que até os dias atuais ainda refletem em seus filmes, só foi ainda mais fortalecida com seu histórico de estudante de direito e psicologia, além de seu trabalho na política, na qual já eram suficiente para colocá-lo numa posição em que, aparentemente, seria incapaz de errar ou promover qualquer transtorno ao bem estar social. Assim, ressalta-se o imaginário criado em torno da figura do *serial killer* pelo cinema, que alguém bonito, inteligente e bem colocado socialmente não seria capaz de cometer crimes brutais.

Figura 3: Print do comentário no *Twitter*

Fonte: *Twitter (*2020).

Ademais, o exposto na figura 3, via *Twitter*, descreve o fato de usarem o ator Zac Efron como intérprete de Ted Bundy, um ator bonito e considerado *sexy symbol*. De acordo com a usuária, um *serial killer* não deveria possuir essas características. Nessa lógica, percebe-se que o título do filme se refere exatamente a beleza de Bund, "A Irresistível Face do Mal". Sua beleza, que pra época era irresistível, também trouxe a discussão se ele seria ou não culpado pelos casos, muitas dessas pessoas que o defendiam usavam o fato de Ted ser tão bonito e charmoso para defende-lo afirmando que um homem tão carismático não poderia causar atos são sórdidos. Aqui identifica-se que o personagem representa então o mal da violência que se torna irresistível por conta de sua face, ou seja, sua beleza. O anti-herói é calcado em um imaginário moral a violência justificada por não possuir fenótipo dito padrão pela sociedade. Ted, por fim, carrega consigo características visuais em sua representação, tanto como indivíduo injustiçado pela sociedade, quanto como assassino brutal e representante da violência contra mulheres, criando uma ambivalência que faz dele um anti-herói, um personagem polissêmico que ora pode ser visto como bom, ora como mal.

Figura 4: Print do comentário no *Twitter*

Fonte: *Twitter (*2020).

Para mais, outro ponto que chama atenção nos comentários exposto nas plataformas digitais em análise é que a maioria deles foram feitos por mulheres, ressaltando o quanto a beleza de Ted se sobressai no filme. Ainda, observa-se que na trama o relacionamento entre Bundy e Liz parece tranquilo e apaixonado. Porém, em sua biografia, a ex-mulher de Ted conta episódios em que ele foi extremamente abusivo. Ela relata ocasiões e em que o *serial killer* a deixou presa para fora de casa, conta também sobre discussões intensas e até uma circunstância em que ela o enfrentou e Bundy deu um tapa nela.

Diante do exposto, identifica-se atributos que correspondem ao imaginário de relação de gênero. Segundo Hesler (2013), a valorização social do homem em relação à mulher, foi desenvolvida por meio de estruturas patriarcais que denominavam que a mulher era submissa e inferior ao homem em uma relação. Desta forma, percebe-se que o exercício de poder ocorre de forma desigual entre os dois sexos, sendo que as mulheres ocupam posições inferiores. “Essa condição de subalternidade que agrava a violência contra mulher está voltada a capacidade de autodeterminar-se sexualmente e socialmente, o que torna, ainda mais vulnerável a agressão física, psicológica e verbal do parceiro” (HESLER, 2013 p. 183)

Ainda, acentua-se que, ao longo dos séculos e atualmente, a ideia de que a mulher é o sexo frágil, submisso e imperfeito está arraigada no imaginário social. Assim, nos crimes

cometido por *serial killer* muitos deles fazem referência a violência contra as mulheres por delimitarem e identificarem a figura feminina de uma forma fragilizada na imagem da vítima, tornando-a passível de sofrer o ato violento, por corresponder a um lugar definido de antemão como lugar de vulnerabilidade (SARTI, 2005). Desta forma, a violência sofrida por Liz retrata esse imaginário social, de que a mulher deve ser submissa ao homem independente da relação que eles possuam. Ted demonstrava ser uma pessoa calma diante de outras pessoas, porém quando havia discussões na sua namorada agia de forma bruta inferiorizando sua parceira para que se sentir superior a ela. Assim, percebe-se que Bundy tratava suas vítimas com a intenção de sentir o prazer de estar em uma posição elevada em relação a elas.

Figura 5: Print do comentário no *Twitter*

Fonte: *Twitter (*2020).

Como já mencionado anteriormente, a beleza de Ted Bundy sempre chamou atenção ao caso, era dessa forma que ele atraia suas vítimas e de certo modo também foi assim que o filme utilizou. O comentário da figura 4 expõe essa observação ao afirmar que o assassino era sexy e levava sua paixão por Liz um pouco acima do aceitável, mesmo assim tinha seu charme. Nessa perspectiva, identifica-se que as cenas de violência extrema em detrimento do drama psicológico vivido por Liz e sua dúvida se seu namorado tinha ou não cometido atos tão bárbaros, provocaram críticas a produção, acusando o filme de amenizar os crimes cometidos pelo assassino. Essa escolha de mostrar o lado psicológico fica clara somente no final do filme, em que mostra mais da relação entre Bundy e Carole Ann, outra namorada do assassino, e o famoso pedido de casamento feito no tribunal. Essa dúvida acaba se tornando o grande ponto

chave da trama, especialmente se o telespectador não possui conhecimento ou familiarizado com o caso Ted Bundy. Logo, os assinantes da plataforma de *stremming* que não conhecem a história podem acabar não sabendo lidar com a dúvida se ele é ou não culpado dos crimes.

Para mais, retornamos a discussão sobre o relacionamento abusivo que Liz e Carole sofreram e que muitas mulheres ainda sofrem atualmente, identifica-se que a violência contra a mulher não se baseia somente em agressão física, mas também a crueldade psicológica que seu parceiro cometem. No entanto, dentro de um relacionamento abusivo existem cinco tipos de violência que são elas: **Física** onde se entende como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher; **Psicológica** onde considera-se qualquer ação que cause dano emocional e diminuição da autoestima, prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da parceira, ou ainda vise degradar ou controlar suas ações comportamentos, crenças e decisões; **Sexual**, que trata-se de qualquer atitude que constranja ou a obrigue a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; **Violência Patrimonial**, onde se entende que qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; e por fim **Violência Moral** onde configura-se qualquer conduta de calunia, difamação ou injuria contra a vítima. (Instituto Maria da Penha, 2006)

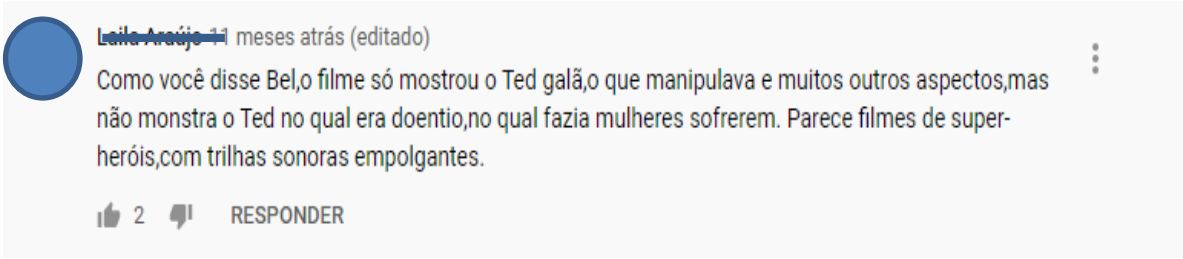
De acordo com Barreto (2015), toda a relação abusiva é aquela onde se predomina o excesso de poder sobre o outro. É o interesse de controlar do parceiro, assim o possuindo só para ele. Geralmente esse comportamento inicia de certo modo sutil e aos poucos ultrapassa os limites causando sofrimento e mal estar ao companheiro. Os principais indicativos de uma pessoa abusiva são os ciúmes e a possessividade excessiva diante seu parceiro, controle sob decisões e violência verbal ou física, onde na maioria das vezes o abusador pressiona ou obriga o parceiro a ter relações sexuais (BARRETO, 2015).

A indústria cinematográfica, como dito anteriormente, carrega valores significantes da sociedade, bem como influencia em costumes pra esta mesma sociedade. Ainda, é importante observar que é através do imaginário social que a sociedade retrata seus conflitos. Assim, Meirelles (1997) fala que “o cinema como manifestação do imaginário se expressa através de uma linguagem acessível às grandes massas: o alcance da linguagem das imagens é muito mais

amplo que as linguagens escrita e oral". É dizer que, o cinema é a principal fonte massificada para o reconhecimento sobre o que é um *serial killer*.

As demais, observa-se que outra temática que ganha relevância dentro dos comentários analisados é o imaginário sobre a violência, que atualmente acaba sendo distorcido e balizado por ser comumente compartilhado pelos meios de comunicação. Segundo Costa (2018 *apud* Minayo, 2006) a violência engloba todas as classes e os segmentos sociais e não se manifesta somente por agressões físicas ou acidente. Desta forma, ao destacar esse assunto percebe-se que uma das demonstrações de violências mais comuns projetadas no imaginário social é a violência criminal. Porém, é necessário entender que além da violência criminal a violência está presente na vida social através das estruturas, nas relações políticas e de poder, de maneira persistente e por vezes silenciosas. Analisar o conceito de violência é um processo de reedificação do que se conhece pelo imaginário popular, que geralmente associa violência a criminalidade daquele que não estão acima na sociedade. Assim, trazemos o cinema como grande referência de violência, pois ao tratar de produções sobre *serial killers*, automaticamente, representa o crime de forma que lembre que grande parcela da sociedade reconhece.

Figura 6: Print do comentário no *Youtube*



Fonte: *Youtube* (2020).

Segundo Levisky (2010, p.12) "os reflexos da interferência da mídia como geradora de violência afetam as ressignificações de valores, pontos de referência em torno do qual sujeito e sociedade se organizam e se equilibram". É dizer que, o real imita a ficção e a ficção, de fantasia se torna um ideal a ser concretizado.

Portanto, o cinema retrata, em boas partes de suas produções, a violência sempre de forma explicita para que o telespectador entenda e relacione com o que se passa na sociedade. Dessa forma, nota-se nos comentários analisados que o imaginário violento e a imagem do

serial killer não foram reconhecidos no filme em analise, já que apresentou-se uma figura de Ted Bundy romantizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se observar ao longo desse estudo a enorme produção cinematográfica acerca dos *serial killers* é imensa decorrendo desde os anos 20, com temas significativos relacionados a campos da sociedade. Dessa forma, percebeu-se a crescente obsessão do segmento jovem por esse tipo de trama e forma como o cinema projeta a imagem desses assassinos para o público, refletindo uma concepção do assassino em série, ou melhor do imaginário criado destes indivíduos.

Nesta perspectiva, identificou-se que o cinema ao longo dos anos representou os *Serial Killers*, muitas vezes, de maneira que nem sempre é possível relacionar com a realidade. Em muitos casos pode-se notar que existe uma valorização desses criminosos seriais, e diante disso esses indivíduos recebem um papel de destaque frente a sociedade, escrevendo livros, tornando-se celebridades, dando autógrafos, o estabelece uma cultura do assassino em série. Assim, a partir do estudo relacionado ao imaginário foi possível compreender como Ted Bundy, um dos assassinos mais conhecidos do mundo, pode ser tão glamourizado durante e após anos de seu julgamento.

Nota-se também, como o filme em análise, “A Irresistível Face do Mal”, romantizou Bundy, trazendo só a imagem de bom cidadão que ele carregou consigo durante todo seu processo com o objetivo de manipular o júri e as pessoas que assistiam seu julgamento. Esse fato traz a discussão a ser analisada, a forma com que o filme trouxe a imagem de Ted Bundy relatando seus atos manipuladores e não expondo seus crimes de forma justa, criando uma imagem romantizada do assassino, tornando possível a obsessão da cultura pop por *serial killer*, mesmo que a imagem desses sejam completamente fora do aceito socialmente.

As demais, por meio das bibliografias estudadas, verificaram-se que o imaginário social acerca do *serial killer* criado pela indústria cinematográfica nunca trouxe um assassino em série da forma que era Ted Bundy, o fazendo parecer fora dos padrões judiciais, assim com a imagem de bom-moço dele conquistou milhares de fãs que retiravam sua culpabilidade,

romantizando-o e reforçando sua aparência de “bom cidadão”. Com isso, é possível analisar que o filme em questão trouxe uma imagem diferente do real sobre o assassino, reforçando ainda mais o estereótipo de homem bem-intencionado causando dúvida a quem assistia a produção, embora deve-se reconhecer que o filme em questão foi produzido aos olhos de sua ex-namorada Elizabeth Kendall. Logo, destaca-se que a demonstração passiva de certas características do assassino são desenvolvidas através dos relatos de Liz que por meio de seu imaginário individual cria a imagem de Bundy transmitida pela narrativa audiovisual.

Outro ponto a ser destacado no imaginário representado no filme em análise é que a violência no mundo contemporâneo é algo recorrente no cotidiano dos indivíduos, tanto que acaba-se tornando comum em meio ao dia-a-dia, a tal ponto que se torna indispensável para os meios de comunicação em massa (jornais, fotografia, cinema, rádio, televisão, internet). Assim, segundo Matos (2015, p. 1), “a violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atrozes sobre as violências comuns, banais e instaladas”. É dizer que, seria a violência hoje mais presente em nossas vidas do que há décadas ou simplesmente se tem mais acesso sobre o que ocorre ao redor do mundo?

Percebe-se no imaginário presente na narrativa midiática e nos comentários postados pelo telespectadoras a banalização dos crimes cometidos contra as mulheres. Desta forma, vincula-se ao imaginário contemporâneo da legitimação pela naturalização cultural das desigualdades de gênero. Nesta lógica, o filme utiliza do foco no público feminino para desenvolver sua estratégia de comunicação, incluindo um autor galã, interpretado por Zac Efron, para chamar atenção. Logo, a maior parte dos comentários exposto nas plataformas digitais ressaltavam a beleza e o carisma do personagem, levando o público a duvidar dos atos cometidos por um dos *seriais killers* mais famoso do mundo. De acordo com Baczko (1985, p. 312) “[...] os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram”. Ou seja, é através de seu imaginário que a sociedade representa seus conflitos, sendo o cinema uma manifestação do imaginário que se expressa através de uma linguagem acessível às grandes massas, alcançando a linguagem das imagens de forma mais ampla que a linguagem escrita e oral.

Ainda, percebeu-se que um filme não é entendido da mesma forma por todos, mas constrói sentidos diversos, de acordo com a bagagem cultural de cada espectador. De todo o

modo, o cinema enquanto representação do real, expõe questões de um imaginário social, bem como os dissemina. Com efeito, compreendeu-se que o cinema tem papel fundamental ao retratar a violência acerca de crimes seriais, de certo modo que essas acabam se tornando uma forma de educação informal sobre legislações e sobre como a justiça age em prol do bem da sociedade. Como vários desde filmes são produzidos pela indústria norte americana é necessário levar em consideração as características do país em questão. Nesta lógica, existem vários debates a respeito da representação de determinador crimes não condizer com a realidade investigativa de muitos países, assim como perspectiva tecnológica e cientifica do público em geral.

Por fim, cabe ressaltar que o cinema em relação ao imaginário social pode ser localizado no campo da imagem e da edição das imagens, em primeiro lugar, mas também envolve outros elementos como a variedade de saberes apresentados nos filmes, que é possível transcender a simples utilização do cinema como estímulo audiovisual ou como uma ilustração da realidade. Desta forma, deve-se trazer para o campo da educação e da didática a reflexão e a investigação sobre como os filmes, as imagens e os estímulos audiovisuais educam as pessoas e influenciam seu imaginário. Para isso, deve-se partir de uma análise sob um enfoque sociocultural para se construir uma didática que identifique e discuta as questões ideológicas e mercadológicas que envolvem produções culturais como o cinema.

Referências

A Irresistível Face do Mal. Direção Joe Berlinger. Estados Unidos: Netflix, 2019. 1 DVD (1h e 48 min).

ALMEIDA, Maria. **A Violência da Sociedade Contemporânea.** EDIPURCS. Porto Alegre. 2010.

BARBIZAN, Silvio Nestor. **Tempo e montagem: do cinema ao imaginário e do imaginário ao cinema**. 2010. 135 f. - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010**.**

BARROS, Ana Tais. **O imaginário e a hipostasia da comunicação.** UFRGS, 2013.

BARROS, José. **Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história.** Ler Historia, 2007

CASOY, Ilana. **Serial killer: louco ou cruel?** 6. ed. São Paulo: Wvc, 1960. 349 p.

CARVALHO, Gabriel. Crítica / Ted Bundy a Irresistível Face do Mal. **Plano Crítico**, 2019. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-ted-bundy-a-irresistivel-face-do-mal/>. Acesso em: 28 de outubro de 2020

COSTA, Bruno César Simões. **MANIFESTAÇÕES DO IMAGINÁRIO NO CINEMA CONTEMPORÂNEO**. 2011. 239 f. - Curso de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

C, Becky. Ted Bundy: A irresistível Face do mal / Crítica. **Cosmo Nerd**, 2019. Disponível em: < https://cosmonerd.com.br/filmes/critica/ted-bundy-a-irresistivel-face-do-mal/>. Acesso em: 27 de outubro de 2020

FREIRE, Norma. **Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin.** PUCS, 2012.

ELOI, Arthur. Ted Bundy: A irresistível Face do Mal. **Omelete**, 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/ted-bundy-a-irresistivel-face-do-mal>. Acesso em: 27 de outubro de 2020

ESPIG, Márcia Janete. **O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História**. 2004. 56 f. - Curso de História, Ufrgs, Rio Grande do Sul, 2004.

GORENDER, Miriam Elza. Serial killer: o novo herói da pós-modernidade. Estudos de Psicanálise, Aracaju, n. 34, p. 117-122, dez. 2010. Araújo, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário**. 2009. 13 f. - Curso de Letras, Usp, São Paulo, 2009.

GOMES, Carlos. **Imaginários Literários e Culturais.** Criação Editora, 2016

HESLER, Lilian**. Violência contra as mulheres na perspectiva dos agentes comunitários de saúde**. Porto Alegre, 2013

MATOS, Daniel Ivori de. **Serial Killers e imaginários sociais: uma crescente filmografia**. 2013. 24 f. Curso de História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Pitanga – Paraná – Brasil, 2013.

MATOS, Daniel Ivori de. **SERIAL KILLERS: CINEMA, IMAGINÁRIO E CRIMES SERIAIS**. 2015. 16 f. Curso de História, Unifal, Alfenas, 2015.

MATOS, Daniel Ivori de. **SLASHER MOVIES: SERIAL KILLERS E IMAGINÁRIO SOCIAL.** 2011. 757 f.) - Curso de História, Londrina, 2011.

Mídia e violência do imaginário. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia.** Rio Grande do Sul, 29, abril, 2006. Disponível em: < https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550185011> Acesso em: 15, novembro de 2020

MAIA, Laura**. A Cultura do Machismo e sua Influência na Manutenção dos Relacionamentos Abusivos.** Unisul, 2017

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. **Cinema e imaginário científico**. 2006. 150 f. Curso de Cinema, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RAMOS, Késsia**. SERIAL KILLER: PRISÃO OU TRATAMENTO.** Cachoeiro de Itapemirim. Espirito Santo, 2017

Rosa, Leticia. **A obsessão da cultura pop por serial killers nos anos 1980**: Ted Bundy. Medium, 2019. Disponível em <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/> . Acesso em: 09 de novembro de 2020

RODRIGUES, Bel. **Assisti o filme do Ted Bundy (A irresistível Face do Mal).** 2019. (17m38s). Disponível em: <https://youtu.be/ZGf8FWHoBig>

VIEIRA, Suellen Cristina. **Moda, artesanato e imaginário social: o Slow fashion como potência simbólica na sociedade pós-moderna**. 2020. 187 f. - Curso de Moda, Unisul, Tubarão, 2020.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe por todo apoio dado durante minha faculdade, pelo seu amor incondicional, sou grata ao meu pai que em vida sempre me incentivou a estudar e completar a graduação. Agradeço a minha orientadora Suellen Cristina Vieira por aceitar a conduzir este trabalho de pesquisa. A todos os meus amigos do curso que que compartilharam de todos os desafios que enfrentamos juntos, por me proporcionarem os melhores momentos dessa trajetória e nunca terem desistido de mim. As amizades fora da faculdade que estiveram comigo durante anos e viram eu crescer ao longo desses anos. E por fim a todos meus familiares que confiaram na minha capacidade.